

O PAPEL DO CINEMA COMO DISSEMINADOR DE CULTURA E CONHECIMENTO

NOGUEIRA, Marcos T.¹; CAMARGO, Mariela²; D’OLIVEIRA, Marcele Camargo³;
SILVA, VeroniceMastella da⁴;CAMARGO, Maria Aparecida Santana⁵

Resumo: A presente pesquisa tem o apoio do PIBIC/UNICRUZ e como objetivo investigar a multidimensionalidade implícita nas artes cinematográficas e a relevância destas no contexto educacional. Após tomar-se conhecimento do projeto de lei proposto pelo senador Cristovam Buarque, em fevereiro de 2010, que estabelece a exibição de filmes brasileiros como complemento curricular nas escolas de Educação Básica, formulou-se o seguinte problema: Estão os professores suficientemente preparados para entender as inúmeras facetas que contém um filme/documentário? A partir desta inquietação, delimitou-se a produção fílmica como objeto de estudo, sendo este de natureza qualitativa, de cunho teórico e empírico.

Palavras-Chave: Educação. Interdisciplinaridade. Linguagem.

Abstract: This research is supported by the PIBIC / UNICRUZ and to investigate the multidimensionality implied in the cinematic arts and relevance of these in the educational context. After taking up knowledge of the bill proposed by Senator Buarque, in February 2010, establishing the display of movies Brazilian to supplement curricula in schools of Basic Education, formulated the following problem: teachers are sufficiently prepared to understand the numerous facets that contains a movie / documentary? From this restlessness, delimited to film production as an object of study, which is qualitative in nature, theoretical and empirical.

Key Words: Education. Interdisciplinarity. Language.

¹ Acadêmico do Curso de Jornalismo da UNICRUZ, Bolsista do projeto PIBIC/UNICRUZ. E-mail: marcos.t.nogueira@hotmail.com

² Acadêmica do 9º Semestre do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICRUZ, Acadêmica voluntária do projeto PIBIC/UNICRUZ. E-mail: mariela.arg@gmail.com

³ Acadêmica do 7º Semestre do Curso de Direito da UNICRUZ, Acadêmica voluntária do projeto PIBIC/UNICRUZ. E-mail: marcelecarnegod@gmail.com

⁴ Professora Doutoranda da UNICRUZ, Colaboradora do projeto. E-mail: vmastella@brturbo.com.br

⁵ Professora Doutora em Educação da UNICRUZ, Coordenadora do NUCART, do projeto e Líder do GPEHP da UNICRUZ. E-mail: cidascamargo@gmail.com

Introdução

Considerando que as artes cinematográficas são um assunto de interesse e relevância interdisciplinar, o objetivo da presente investigação é analisar a imprescindibilidade do cinema na sua interface com a educação. Parte-se do pressuposto de que se deve fomentar e inserir, também no ambiente educacional, atividades pedagógicas com vídeos, documentários e filmes.

Quando se examina o cinema sob a ótica da interdisciplinaridade, amplia-se o horizonte de interpretação e estimula-se um debate que perpassa as inúmeras áreas do conhecimento. Desta forma, o mote impulsionador deste estudo surgiu em meio às atividades desenvolvidas pelo Cinema, Papo & Pipoca, ação inserida no Núcleo de Conexões Artístico-Culturais (NUCART), o qual integra, desde 2009, o Programa Sociedade, Comunicação e Cultura da Universidade de Cruz Alta/RS.

É mediante as imagens em movimento que professores têm oportunizado a problematização de temáticas diversas e, ao mesmo tempo, aprofundado análises, diálogos, debates e reflexões. Entretanto, muito além do entretenimento e da apreciação estética, é uma linguagem que traz implícita múltiplas possibilidades educativas que ultrapassam o senso comum. São reflexões tanto no âmbito técnico e artístico-cultural, quanto na esfera política, social e econômica.

Após tomar-se conhecimento do projeto de lei proposto pelo senador Cristovam Buarque em fevereiro de 2010, que estabelece a exibição de filmes brasileiros como complemento curricular nas escolas de Educação Básica, formulou-se o seguinte problema: Estão os professores suficientemente preparados para entender as inúmeras facetas que contém um filme/documentário? A partir desta inquietação, delimitou-se a produção fílmica como objeto de estudo, sendo este de natureza qualitativa, de cunho teórico e empírico.

A investigação tem como base, portanto, um estudo teórico realizado através de pesquisa bibliográfica e empírica, que será viabilizada com base em entrevistas abertas feitas com professores de todos os níveis de ensino e de várias áreas, os quais serão os sujeitos da pesquisa. O projeto é apoiado pelo PIBIC/UNICRUZ e busca investigar a relevância da arte cinematográfica no contexto educacional.

Cinema e Sala de Aula

Muitos são os argumentos para a utilização do cinema dentro das salas de aula como ferramenta auxiliar na educação. Porém maiores que eles, são os preconceitos enfrentados. Excluindo-se documentários, filmes didáticos, institucionais e vídeo-aulas, o cinema de ficção, até então, é visto geralmente como uma forma de entretenimento de massas, não como uma possível ferramenta de ensino. Exclui-se desta generalização, é claro, um seleto grupo de malucos, ou visionários, dependendo do viés daqueles que os julgam. O cineasta americano David Mamet (2010, p. 92), roteirista do filme *os Intocáveis* (1987), está entre aqueles que veem a sétima arte apenas como entretenimento. Falando sobre dois cineastas, afirma que:

Um deles pode ou não saber uma coisa ou outra, mas o outro sabe contar uma história, e quer contar uma história, coisa que é da natureza da arte dramática: contar uma história. Só serve para isso. As pessoas tentam há séculos usar o drama para mudar as vidas das pessoas, para influenciar, para comentar, para se expressar. Não funciona. Seria bom se funcionasse para essas coisas, mas não funciona. A forma dramática só serve para uma coisa: contar uma história.

Esta visão simplista deve-se em muito ao cinema *hollywoodiano*, que de fato transformou a *sétima arte* em uma indústria do entretenimento, excluindo-a como expressão artística.

O termo *hollywoodiano*, porém não se aplica exclusivamente aos filmes produzidos em Hollywood. Robert Mckee, roteirista de cinema americano, define como filme *hollywoodiano*, trinta ou quarenta filmes dominados por efeitos especiais e um número sem igual de farsas e romances que Hollywood faz a cada ano (2006, p. 68). E reitera que esta proporção é muito menor que a metade da produção total da cidade.

Filmes *hollywoodianos* seriam filmes feitos com o único intuito de ganhar dinheiro. Filmes rentáveis. Filmes feitos para simplesmente entreter o público, sendo feitos ou não em Hollywood. Pois qualquer cineasta fora deste nicho pode produzir um filme *hollywoodiano*, assim como qualquer cineasta de Hollywood, pode produzir um filme de arte, que é supostamente seu oposto. Uma vez que os filmes *hollywoodianos* não servem para nada, além de contar uma história, como defende Mamet, os filmes de arte, portanto, teriam a capacidade de influenciar, de ensinar,

de expressar a opinião e a cultura de seu produtor. Um dos problemas, porém, é que os filmes artísticos, em sua maioria, são de difícil acesso. Além de que geralmente são filmes maçantes e de difícil compreensão. Ou seja, um público escolar, por mais que tenha a aprender, se sentirá entediado com tais obras e as repudiará, tornando-as impraticáveis dentro de uma sala de aula.

O cinema *hollywoodiano*, o qual teria aceitabilidade em um ambiente escolar, não teria, porém, nada a ensinar, como defende Mamet. Mas se o cinema de ficção não serve para ensinar algo, por que há tantos que tentam utilizá-lo com tal finalidade?

O Clube do Filme

David Gilmour, crítico de cinema canadense, em seu livro de não-ficção, “O Clube do Filme” (2009), narra uma história verídica sobre um período difícil de sua vida. Seu filho adolescente colecionava reprovações na escola e não via futuro algum ao frequentá-la. O que Gilmour fez então? Propôs ao garoto que poderia largar a escola desde que assistisse toda semana a três filmes escolhidos por ele, e com ele. Estamos longe de concordar com a atitude de Gilmour ao permitir que o filho largasse a escola, porém ele, um estudioso do cinema, sentiu-se seguro ao conceder tal permissão, pois tinha a convicção de que o cinema, se não mais, pelo menos tal qual a escola, seria capaz de ensinar um jovem confuso qual rumo seguir.

Em meio às atividades de pesquisa realizadas, onde procurou-se investigar a relevância da arte cinematográfica no contexto educacional, tomou-se conhecimento sobre o caso de um professor de Cruz Alta/RS. O mesmo sempre procurou utilizar a produção fílmica dentro da sala de aula, como auxiliar de ensino. Ao ser inquirido sobre o porquê da utilização da prática, respondeu:

A disciplina que eu trabalho, que é História, é uma disciplina essencialmente teórica. Se eu ficasse a aula inteira só falando, a gurizada iria dormir. Então utilizar recurso audiovisual, sejam documentários, sejam filmes, trazem um pouco mais este aspecto visual e facilitam o aprendizado. Nós temos vários filmes, documentários que trazem a realidade do conteúdo que eu trabalho em sala de aula. E isso, eu acho, pelo menos em meu entendimento, e é porque eu uso, é que fica um pouco mais fácil para o aluno fazer esta relação daquilo que eu estou trabalhando em teoria na sala de aula, com aquilo que ele está vendo dentro do filme, dentro do documentário. [...] No geral, pelo menos eu vejo

que os alunos conseguem fazer uma relação. Eu tenho relatos de alunos que assistem alguns filmes em casa e conseguem fazer relação com o conteúdo. Essa semana mesmo eu conversava com uma aluna em que ela, assistindo novela, lembrou dos conteúdos que eu falava em sala de aula. Porque, porque esse aspecto visual, as cenas, as roupas, a caracterização de época, normalmente fazem com que o aluno consiga perceber, de uma maneira mais prática aquele conteúdo que eu estou só na teoria explicando em sala de aula.

Apreciador confesso de cinema, o referido educador buscou trazê-lo para suas aulas. Sempre tendo, é claro, consentimento por parte de seus alunos, que enfatizam haver maior facilidade na memorização das imagens fílmicas a apenas explicações por meios textuais. Este vem a ser um dos problemas do sistema educacional brasileiro. Somos educados apenas para ler palavras, jamais imagens, e quando a imagem cinematográfica é utilizada, geralmente é apenas como meio de distração.

Os métodos convencionais de ensino podem tornar monótonos e causar desinteresse aos estudantes. Além de que, podem ser limitantes de criatividade, como defendido no trecho do livro “Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva”:

Não é estranho, portanto, que nossas escolas continuem vendo nas mídias unicamente uma possibilidade de eliminar o tédio do ensinamento, de amenizar jornadas presas de inércia insuportável. No entanto, a atitude eminentemente defensiva da escola e do sistema educativo os está levando a desconhecer ou disfarçar que o problema de fundo está no desafio proposto por um ecossistema comunicativo no qual o que emerge é outra cultura, outro modo de ver e de ler, de aprender e conhecer. A atitude defensiva se limita a identificar o melhor do modelo pedagógico tradicional com o livro e anatematizar o mundo audiovisual com o mundo da frivolidade e da manipulação das mentes jovens, imaturas e indefesas. Todavia, a realidade cotidiana da escola demonstra que a leitura e a escritura não são uma atividade criativa e prazerosa, porém, predominantemente uma tarefa obrigatória e entediante, sem possibilidades de conexão com dimensões-chave da vida dos adolescentes. Uma atividade castradora: confundindo qualquer expressão de estilo próprio na escrita com anormalidade ou plágio, os professores tendem, por *habitus* do ofício, a reprimir a criatividade quase sistematicamente (MARTÍN-BARBERO; REY, 2004, p. 60-61).

Fuga do Convencional

Assim como o filho de Gilmour no livro “O Clube do Filme”, muitos jovens sentem-se frustrados com os métodos convencionais de ensino. Não lhes são

atraentes. Instigantes. Mas há modos diferentes de ministrar o conhecimento, como afirmam Campbell, Campbell & Dickinson (2000, p. 26):

O conhecimento básico que todos os estudantes devem dominar, como as artes da linguagem, a matemática, a história e a ciência, não precisa ser ensinado da mesma maneira para todos. A frustração e o fracasso escolar poderiam ser bastante reduzidos se os professores apresentassem a informação de várias maneiras, oferecendo aos alunos múltiplas opções de sucesso.

A abordagem cinematográfica, portanto, é uma das maneiras de desenvolver as inúmeras capacidades dos educandos. De acordo com Campbell, Campbell & Dickinson (2000, p. 22), “em seu livro de 1983, ‘Estruturas da Mente’, Gardner apresentou sua Teoria das Inteligências Múltiplas, que reforça sua perspectiva intercultural da cognição humana”. As inteligências são linguagens que todas as pessoas desenvolvem e são, em parte, influenciadas pela cultura em que a pessoa nasceu. São ferramentas para aprendizagem, resolução de problemas e criatividade que todos os seres humanos podem usar. Segue-se uma breve descrição das oito inteligências descritas por Gardner:

A inteligência linguística consiste na capacidade de pensar com palavras e de usar a linguagem para expressar e avaliar significados complexos. Autores, poetas, jornalistas, palestrantes e locutores exibem graus elevados de inteligência linguística.

A inteligência lógico-matemática possibilita calcular, quantificar, considerar proposições e hipóteses e realizar operações matemáticas complexas. Cientistas, matemáticos, contadores, engenheiros e programadores de computação demonstram forte inteligência lógico-matemática.

A inteligência espacial instiga a capacidade para pensar de maneiras tridimensionais, como fazem navegadores, pilotos, escultores, pintores e arquitetos. Permite que a pessoa perceba as imagens externas e internas, recrie, transforme ou modifique as imagens, movimente a si mesma e aos objetos através do espaço e produza ou decodifique informações gráficas.

A inteligência cinestésico-corporal permite que a pessoa manipule objetos e sintonize habilidades físicas. É evidente em atletas, dançarinos, cirurgiões e artesãos. Nas sociedades ocidentais, as habilidades físicas não são tão altamente valorizadas quanto as cognitivas, embora em outros lugares a capacidade de usar o

corpo seja uma necessidade para sobrevivência e também uma característica importante de muitos papéis de prestígio.

A inteligência musical é evidente em indivíduos que possuem uma sensibilidade para a entoação, a melodia, o ritmo e o tom. Compositores, maestros, instrumentistas, críticos musicais, fabricantes de instrumentos e também ouvintes sensíveis demonstram essa inteligência.

A inteligência interpessoal é a capacidade de compreender as outras pessoas e interagir efetivamente com elas. É evidente em professores bem-sucedidos, assistentes sociais, atores ou políticos. Como a cultura ocidental recentemente começou a reconhecer a conexão entre a mente e o corpo, também passará a valorizar a importância da competência no comportamento interpessoal.

A inteligência intrapessoal refere-se à capacidade para construir uma percepção acurada de si mesmo e para usar esse conhecimento no planejamento e no direcionamento de sua vida. Alguns indivíduos com forte inteligência intrapessoal especializam-se como teólogos, psicólogos e filósofos.

A inteligência naturalista consiste em observar padrões na natureza, identificando e classificando objetos e compreendendo os sistemas naturais e aqueles criados pelo homem. Incluem-se entre os naturalistas qualificados fazendeiros, botânicos, caçadores, ecologistas e paisagistas.

Acima estão descritas várias habilidades, as quais dificilmente serão desenvolvidas utilizando-se as formas convencionais de ensino-aprendizagem. Neste enfoque, pode-se afirmar que, de um modo geral, as pessoas, pais, professores e alunos não têm essa compreensão de que todas as habilidades referidas acima encontram um campo fértil para se desenvolverem através da arte cinematográfica. Portanto o cinema tem relevância no contexto educacional, sim.

Voltemos ao projeto de lei do senador Cristovam Buarque, que estabelecia a obrigatoriedade de exibição de pelo menos, duas horas mensais de filmes nacionais como complemento curricular nas escolas de Educação Básica. Muitos acharam o projeto ridículo. Outros tantos, essencial, como a própria presidente da república. Mas sendo ridículo ou essencial, a pergunta norteadora é se os professores estão preparados para trabalhar com filmes dentro de sala de aula ou não. Pois há uma série de fatores que devem ser levados em conta antes de se trabalhar determinado filme com um grupo de alunos. Começando por sua faixa etária. Ao ser conduzida a pesquisa, porém chegou-se a outro impasse. Todos sabemos que o cinema nacional

não preza de grande prestígio, e mesmo assim, ao que tudo indica, sua exibição se tornará obrigatória dentro das salas de aulas. Portanto devemos de nos perguntar se o cinema nacional está preparado para ensinar algo além da violência desmedida dos maiores sucessos atuais ou da pornografia gratuita dos do passado.

Preparado Você Não Está

As entrevistas com alguns professores ainda estão sendo analisadas e, portanto, os resultados aqui apresentados são parciais. Entretanto, os dados já coletados e analisados indicam que as opiniões gerais são bastante divergentes quanto ao projeto de lei do senador Cristovam Buarque. Enquanto uns acham que a presença dos filmes nacionais nas escolas irá valorizar nosso patrimônio cultural, outros pensam que num país como o Brasil, onde o sistema educacional é precário e deficiente, não há lugar para exibição obrigatória de filmes nas escolas. Muitas das quais, não têm condições estruturais mínimas para ministrar aulas. Como esperar que tenham salas audiovisuais equipadas para cumprir a lei?

Outro problema eminente é sobre a qualidade do material que será exibido a estes alunos. O jornalista e escritor João Batista Melo fez as contas: entre 1908 e 2002 foram produzidos 3.415 filmes no Brasil. Deste total, apenas 70 foram dedicados ao público infantil, sendo a metade deles assinada pelos Trapalhões. Portanto pode-se afirmar que não há material cinematográfico nacional suficiente para suprir o público infantil. E destes 70 filmes, quantos podem ser encontrados em locadoras? Certamente, nem a metade. Como se pode tornar suas exibições obrigatórias então?

Mas apesar dos problemas, há uma série de benefícios, como os defendidos por Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi, que coordenam o projeto *Tela Brasil* de educação audiovisual e são autores dos filmes *Bicho de sete cabeças*, *Chega de saudade*, *As melhores coisas do mundo*.

O cinema brasileiro é, seguramente, a melhor porta de entrada para a capacitação de professores e alunos para a habilidade de reflexão sobre o audiovisual – e, por consequência, de reflexão sobre todas essas relações entre sociedade, expressão e poder. A sétima arte produz transformações em suas linguagens numa velocidade que nenhuma outra das seis artes conheceu, lembra-nos o roteirista francês Jean Claude Carrière. Um texto do século 19 não é tão diferente de um texto produzido hoje, porém, um

filme do começo do século 20 é extremamente diferente dos filmes exibidos hoje nos cinemas.

Carrière (2006) também defende a produção cinematográfica local. Apesar dela não ser tão bem vista pelo público, como a americana, é essencial para que um país tenha voz própria. Porque muitas vezes, quando nossa voz é mostrada nos “produtos audiovisuais americanos”, expressão utilizada por este autor, há carnaval durante o ano inteiro e falamos espanhol. Ou como dito pelo próprio;

Assim, num nível mais profundo, devemos questionar se a imagem cinematográfica é necessária às nações. A habilidade de contar a nós mesmo nossas próprias histórias, utilizando os meios mais modernos, de estudar a nós mesmos, em nossos próprios espelhos, será apenas uma forma de realçar a vida ou será essencial para a vida em si? Acredito que seja essencial para a vida. Os distribuidores da América dizem o oposto: Que importa se os africanos, brasileiros e mesmo os europeus não podem mais fazer filmes? Nós faremos para eles. Os africanos já estão condenados a uma dieta televisiva exclusiva de thrillers e romances feitos sob céus estrangeiros, imagens que nunca falam aos africanos sobre os africanos. O mesmo perigo nos ameaça (CARRIÈRE, 2006, p. 167).

Carrière reforça a necessidade de se investir em uma produção própria, pois fala que os filmes americanos, ou melhor, os produtos audiovisuais americanos, filmes e televisão combinados, estão se expandindo pelo planeta e, aos poucos, aniquilando a produção local (2006, p. 165). Também que seus fomentadores consideram o filme um produto de consumo, como outro qualquer, sem nenhuma importância cultural particular (2006, p. 166).

Deve-se, portanto, valorizar a produção cinematográfica local, mas também deve-se observá-la e perguntar se tais filmes realmente representam a voz do povo. Pois muitos filmes nacionais, na tentativa de fugirem do imperialismo cinematográfico americano, são absolutamente maçantes e compreensíveis apenas por seus produtores. Nada mais justo, num país que utiliza dinheiro público para financiar seus filmes, que serem feitos filmes para o público, e não para satisfazerem as aspirações artísticas de seus diretores.

Considerações finais

É evidente que a utilização do cinema nas salas de aula é relevante. Indiferente da qualidade ou não do cinema nacional, o projeto do senador Cristovam Buarque virá abrir algumas portas para a prática da atividade nas escolas. Pois há uma série de dificuldades em ministrá-la, como atestado novamente pelo professor já referido anteriormente:

Na verdade, os filmes de hoje tem em média uma hora e meia, uma hora e quarenta minutos. E na escola, como normalmente eu tenho apenas um, dois períodos, fica inviável trabalhar um filme inteiro. Então nos últimos tempos, eu tenho trabalhado mais com cenas dos filmes do que trabalhado com eles na Íntegra. Porque fica complicado, eu tenho normalmente carga horária cheia, então você acaba tendo de pegar períodos de outro professor emprestados, sendo que eu deveria estar em outra turma, então isso realmente dificulta trabalhar o filme inteiro dentro de sala de aula. O ideal seria que nós tivéssemos projetos. Eu já tive um projeto, uma vez, em que eu trabalhava justamente a educação e cinema, e dentro dele eu trabalhava alguns filmes e, a partir dos filmes, aí sim, eu discutia os conteúdos relacionados ao contexto que era exibido ali. Se não me engano foram trabalhados 32 filmes ao longo de um ano, mas isso fora do horário da escola. Então era num horário alternativo. Dentro da sala de aula, infelizmente, na correria que é o dia a dia fica quase inviável.

O projeto facilitará, assim, as coisas sim, mesmo que se seja preciso reavaliar a qualidade do cinema nacional. Utiliza-se aqui as palavras de Laís Bodanzky e Luiz Bolognesi, cineastas, não meros pesquisadores, que por mais que tentassem jamais conseguiriam reproduzir texto capaz de dizer tanto em tão poucas linhas:

Possuir repertório, domínio de sintaxe e linguagem audiovisual é absolutamente imprescindível para um país que enfrenta o desafio de qualificar seus trabalhadores e cidadãos e pretende deixar a secular posição de fornecedor de matérias-primas sem valor agregado, para migrar para a posição de um país pensante e que possui uma economia que agrega valor ao que produz. O aspecto perigoso desse projeto de lei é ele ser lido ao pé da letra. Evidentemente, não precisamos de duas horas mensais obrigatórias de cinema brasileiro. Precisamos, para ontem, de um projeto que habilite educadores a refletir com seus alunos através do cinema brasileiro sobre quem somos e quem desejamos ser.

Referências

CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. **Ensino e Aprendizagem por meio das Inteligências Múltiplas**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CARRIÈRE, Jean-Claude. **A Linguagem Secreta do Cinema**. 1. ed. Rio de Janeiro: Especial. Nova Fronteira, 2006.

COMPARATO, Doc. **Da Criação ao Roteiro, Teoria e Prática**. 1. ed. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

GILMOUR, David. **O Clube do Filme**. 1. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

MAMET, David. **Sobre Direção de Cinema**. 2. ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MCKEE, Robert. **Story: Substância, Estrutura, Estilo e os Princípios da Escrita de Roteiro**. 2. ed. Curitiba: Arte & Letra, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os Exercícios do Ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2004.

<http://blog.aticascipione.com.br/diversidade/a-obrigatoriedade-do-cinema-brasileiro-nas-nossas-escolas>

<http://www.revistapontocom.org.br/edicoes-anteriores-artigos/cinema-nacional-obrigatorio-voce-e-contra-ou-a-favor>